

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER**

**ELIZA CRISTINA AMBROSIO DA SILVA CRISOSTOMO**

**O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NA CRECHE:  
REFLEXÕES A PARTIR DE ESTUDO DE CASO.**

**Rio de Janeiro**

**2014**

**ELIZA CRISTINA AMBROSIO DA SILVA CRISOSTOMO**

**O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NA CRECHE: REFLEXÕES A  
PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto Superior de  
Educação Pró-Saber como requisito parcial  
para a obtenção do grau de  
Licenciado em Normal Superior, com  
habilitação em Magistério da Educação  
Infantil.

Orientadora: Profa. Me Nazareth Salluto

Rio de Janeiro

2014

C8687p

Crisostomo, Eliza Cristina Ambrosio da Silva

O processo de adaptação na creche: reflexões a partir de estudo de caso / Eliza Cristina Ambrosio Da Silva Crisostomo. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2014. – fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2014.

Orientador: Profa. Me. Maria Nazareth de Souza Salutto de Mattos

1. Educação. 2. Educação Infantil. 3. Creche. 4. Criança. 5. Adaptação. 6. Afetividade. I. Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

**ELIZA CRISTINA AMBROSIO DA SILVA CRISOSTOMO**

**O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NA CRECHE: REFLEXÕES A  
PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em 2 de dezembro de 2014.

**EXAMINADORES**

---

Professora Mestre Nazareth Salutto

---

Metodologia de Pesquisa II

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2014.

**ELIZA CRISTINA AMBROSIO DA SILVA CRISOSTOMO**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho monográfico primeiramente ao Senhor Jesus que me fortaleceu em todos os momentos, á minha família amada, Lorena Christina e Maria Eduarda presentes que Deus me deu e meu marido Rodrigo Rodrigues que me acolheu e estendeu as mãos a todo instante.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por me dar cada dia mais uma oportunidade de vida, para que hoje eu chegasse ao pódio e a grande vitória, obrigado Senhor por me dar fé, perseverança, sabedoria, força e ânimo para continuar e prosseguir sem desistir, e enfrentar minhas angústias de estar no mundo, me sinto feliz por ser obra prima de sua criação, sobretudo sou grata pelo amor incondicional sobre minha vida.

Agradeço ao meu pai, Carlos Alberto, que me criou sozinho no mundo e me deu o bem mais precioso de todos: o seu amor. Só você, pai, foi capaz de enfrentar obstáculos para me educar e criar, que sempre acreditou em meu esforço, que muito me ajudou e que nunca desanimou

em me ver realizando meu sonho. Eu queria achar uma forma de agradecer

tudo que fizeste por mim, mas ao olhar pra você já sei a forma ideal de agradecer, obrigado pelo seu exemplo de vida, homem simples e comprometido com tudo aquilo que se dispõe a colocar a mão, e me tornei alguém assim como você, pai te amo muito.

Agradeço a esposa do meu pai, Luiza, que foi companheira dele nos momentos mais improváveis.

Agradeço ao meu marido, Rodrigo, que sempre me fez acreditar que sou capaz, me fazendo sentir amada a todo momento. Porque estar ao teu lado é tão bom e faz parte do meu viver quero dizer o quanto te amo, e o quanto foi mais que marido, foi amigo, foi companheiro, foi parceiro, foi confidente, foi meu motivador. Amor a você só sou extremamente grata.

Às minhas filhas: Lorena Christina e Maria Eduarda que ao me verem sair para estudar me perguntavam se realmente eu tinha que ir pra faculdade e, com o coração apertado dizia a elas que todo esforço que estava fazendo era pra dar futuro melhor a elas e a mim. Vocês me inspiraram, me fazem sentir capaz de ir até o fim e juntas, suportaram a minha ausência.

Agradeço aos meus irmãos Paulo Sergio (in memória), Heloisa Helena e Luis Cláudio, pois sei o quanto que torceram para que eu chegasse até o fim,

escutaram minhas reclamações e nunca me permitiram deixar parar. Para sempre seremos um parte uns dos outros.

Agradeço aos meus sobrinhos, cunhados, tios, amigos, parceiras de trabalho, por me estenderem as mãos em todos os momento em que mais quis me submergir e tiveram atenção com as lágrimas que caíram em meus lhos e me ajudaram a enxugá-las. Obrigado pelo carinho.

Agradeço a Nazareth Salutto que me ajudou em todo processo de construção do meu TCC e me levou a ir a busca de novos saberes, tornando-se mais que orientadora parceira de construção.

Agradeço a turma 2012 que me abraçou com todas as minhas limitações e com elas, descobri viver em grupo e a obter um olhar diferenciado pelo para o outro.

Enfim não posso deixar de agradecer a corpo docente do Instituto Superior de Educação Pró-Saber que me acolheu durante esse anos, me fez perceber como pessoa e profissional, que a cada matéria apresentada me fez ampliar meu conhecimento e trazer significância a todo meu desenvolvimento, que me permitiu ir além do saber e do conhecimento.

Termino minhas considerações com a frase de FREIRE (2008, p. 34) “um sonho que se sonha só, é só um sonho: um sonho que se sonha junto, é realidade. ”

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram,  
Mas na intensidade com que acontecem. ”

Fernando Pessoa

## RESUMO

Essa monografia baseia-se no estudo de caso, a partir de observações da adaptação da aluna Eduarda, no decorrer do ano de 2014, na creche Chácara do Céu. Teve como objetivo acompanhar, discutir e analisar o processo vivido por ela. Como metodologia, realizei registros diários de sua vivência na creche – relação com os adultos e com as outras crianças – o que contribuiu para que eu pudesse conhecê-la melhor e levantar algumas hipóteses sobre a importância do processo de adaptação na creche. Além das observações e registros, aprofundei-me em estudos de autores tais como Madalena Freire e Margaret Mahler, que me ajudaram a fundamentar as observações, registros e reflexões. Desse modo, a monografia apresenta como objetivo principal, sensibilizar o olhar dos professores, dos educadores, dos auxiliares e demais funcionários da creche para os possíveis e múltiplos significados dados aos movimentos de adaptação das crianças na creche. Adaptação como momento singular da entrada na creche e como forma de conhecimento e reconhecimento da criança como um sujeito histórico, social e cultural. Utilizei os instrumentos metodológicos apresentados no Instituto Superior de Educação Pró-Saber como eixos norteadores durante o processo de construção da monografia.

**Palavras-Chave:** Adaptação. Criança. Creche. Afetividade.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
Justificativa do tema pesquisado	12
Instrumentos metodológicos: uma conversa com madalena freire	14
<b>1 ADAPTAÇÃO NA CRECHE</b>	<b>17</b>
1. 1 Adaptação: que movimento é esse?	17
1. 2 As crianças: quem são?	18
1. 3 Adaptação e as relações entre as crianças, os responsáveis e a creche	19
1. 4 Adaptação: processo que envolve a organização do espaço	20
1. 5 Adaptação como processo de desenvolvimento	21
<b>2 EDUARDA E SUA INSERÇÃO NA CRECHE NO ANO DE 2014</b>	<b>23</b>
2. 1 O começo de tudo: a adaptação vivida por adultos e crianças	24
2. 2 A pesquisa de campo: registro e reflexão das situações vividas por Eduarda nos meses de agosto, setembro e outubro de 2014	25
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

A motivação de fazer a monografia em torno da importância do olhar na adaptação, no decorrer do ano letivo, na creche Chácara do Céu, se originou, além da minha própria trajetória como aluna e, também, como professora de Educação Infantil, na creche mencionada e em outras nas quais trabalhei. Foi a partir das aulas da professora Cláudia Sabino, denominada Estágio Supervisionado, do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, que aguicei mais ainda meu olhar para as observações durante a adaptação das crianças na creche na qual atuo como professora, com crianças de 2 a 3 anos.

Foi em uma dessas aulas, no quinto período da faculdade, que me vi provocada a refletir sobre este movimento vivido pelas crianças e pelos adultos da creche. A partir daí, senti-me provocada a ampliar os estudos e reflexões sobre esse tema.

Para a construção das observações e registros, trabalhei com a metodologia usada na concepção do ISEPS – os instrumentos metodológicos, fundamentando minha pesquisa com teóricos, trazendo sempre uma reflexão pessoal do objetivo observado. Na pesquisa, utilizei fictícios para preservar suas identidades.

### **Justificativa do tema pesquisado**

Desde quando entrei na educação infantil, percebia, nos contextos nos quais atuei, que adaptação é tratada apenas como um momento de receber as crianças na creche, ficando desconectada de outros momentos vividos pelas crianças e adultos ao longo do ano.

Entendo que cabe à instituição tornar esse processo em momentos de acolhimento, construção de vínculos, de afetividade, que seja, desde o seu início, um tempo de aproximação, tanto da criança, quanto da sua família no contexto da creche. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil preconizam “que as instituições de Educação Infantil deverão prever estratégias para lidar com as diversas transições vivenciadas { . . . } quando do ingresso da criança na creche” (Brasil, 2009, p. 40).

Desse modo, a adaptação não é realizada apenas no curto período de tempo em que as crianças ingressam na creche ou na escola, é um processo que vai se construindo ao longo de todo o ano letivo. Adaptar implica reconhecer alunos novos e antigos como seres culturais, trazendo em sua bagagem identidade, cultura, religião, limitações, realidades diversificadas, que se alteram e atualizam o tempo inteiro. Este é um fator crucial para se compreender as crianças com as quais trabalhamos no cotidiano da creche.

A dimensão do cuidado também deve perpassar todo o processo. O cuidado, neste contexto, refere-se ao movimento de respeitar as necessidades das crianças, observando todos os aspectos que envolvem o conforto, a alimentação, a socialização, a brincadeira, o descanso, enfim, tudo o que cerca suas necessidades emocionais, sócias e cognitivas.

Os profissionais da educação precisam estar atentos ao contexto familiar com o qual estarão trabalhando. Segundo Campos (1997) “as mães e os pais precisam receber uma atenção especial para ganhar confiança e familiaridade com a creche” (p. 24), principalmente quando chegam pela primeira vez. Quando chegam à instituição, é necessário mostrar aos pais, e com eles dialogar, sobre os sentidos das crianças estarem ali, falar da importância do envolvimento deles no desenvolvimento dos filhos e ressaltar que, mesmo que haja choro, avanços e retrocessos, as crianças estão em processo, lidando com o novo: os educadores com quem conviverão, com as outras crianças, os

espaços, a rotina, etc. É interessante e importante que os sujeitos principais dessa construção sintam-se pertencentes ao ambiente escolar ao longo de toda a sua permanência, portanto “as mães e os pais são sempre bem-vindos à creche” (Campos, 1997, p. 24).

Cabe à instituição e ao corpo docente perceber cada criança em sua individualidade. As crianças necessitam receber atenção individual quando começam a freqüentar a creche. Para que isso ocorra, o professor precisa assumir seu papel de observador, aguçar o olhar, prestar atenção aos movimentos individuais e coletivos. Com muita observação, que é um instrumento valioso e imprescindível na tarefa de educar, será possível proporcionar um espaço prazeroso e educativo, ajudando a todos - adultos e crianças – a enfrentarem o novo, nesse caso, a inserção no espaço da creche.

A adaptação requer observação, avaliação para conhecer e, também, reorganizar e repensar a própria prática sempre. Significa estar apto a dar e a receber afeto, procurando resgatar em si e nos outros as melhores possibilidades de encontro e de relacionamento.

## **Instrumentos metodológicos: uma conversa com madalena freire**

Para descrever o processo do estudo monográfico, apóio-me no trabalho de Madalena Freire (2008) sobre os Instrumentos Metodológicos.

Os instrumentos metodológicos são eixos-norteadores para toda produção e construção da rotina diária da vida de um educador, pois, eles permitem que o profissional tenha uma rota a ser seguida levando-o a rumos que possibilitem a organização e a socialização de pensamentos, propostas e práticas, Freire (2014) afirma que “Educar, segundo esta concepção, implica permanentemente ser aprendiz, curioso de seu próprio ensinar. ”

Dentro de toda busca sobre as observações da pratica, me vi diante de um desafio, usar os instrumentos metodológicos como auxilio da construção do meu projeto e no desenvolvimento da monografia e da pesquisa de campo tal qual foi feita, me levou ao exercício de entrar em contato com toda metodologia, exigindo de mim como educadora, estar por inteiro e ser movida pelo desejo que pudesse ampliar e dialogar com o meu ensinar.

Ao iniciar minha observação, deparai-me com as frustrações, com as incertezas e o “desejo de vida e desejo de morte” (FREIRE, 2008, p. 33), pois, estava limitada a uma visão aprisionada, à rotina rotineira, na qual não via nada de novo, ou seja, sem significância e sem foco, sem aquilo que Freire (2014, p. 33) sinaliza: o educador no seu ensinar, é movido pelo desejo. Esta busca envolve insatisfação, frustração, esforço no enfrentamento dos limites da realidade para conquista do prazer: o conhecimento.

Esse desejo levou-me a muitas buscas e levantamentos de hipóteses, que me auxiliaram nos pontos de observação feitos durante o olhar que tinha para as ações de Eduarda, em seus movimentos individuais e coletivos. Essas ações fizeram-me estar atenta às construções feitas pela aluna no seu processo de adaptação. Em cada observação via-me buscando o significado da escuta na reflexão de quem admira e contempla a realidade.

E trilhando toda essa rota de observação, com olhar focado no desenvolvimento da criança como sujeito de desejo, pude então aprender a fazer o exercício de enxergar, através do exercício da concentração, da escuta, do silêncio e da escrita, pois, “observar é focar o olhar, a escuta e o próprio

silêncio numa ação reflexiva, avaliativa, sobre elementos da prática que se quer pesquisar, estudar” (FREIRE, 2014).

Com olhar focado, fui dando sentido a toda construção e me relacionando com a reflexão, pois, de acordo com Freire (2014), refletir é poder manter vivo o seu pensamento e organizar suas ideias; pensar é o movimento contínuo na vida do ser humano. O ato de refletir é poder apurar o próprio pensar, o que favorece organizar e centralizar as ideias.

A partir dos pontos de observação e escritas em torno da rotina das crianças observadas, fui refletindo sobre os avanços em seu processo de entrada, avanços, e retrocessos integração na rotina da creche. Percorrendo esse caminho metodológico, foi possível construir um pensamento reflexivo que considerasse as ações envolvidas no processo. Tais reflexões também me ajudavam a buscar, constantemente, o levantamento de novas hipóteses que pudessem ser consideradas durante as observações, fazendo-me ter maior foco no estudo de caso reflexivo que estava construindo, trazendo novas interpretações dos movimentos feitos pelas crianças entre si e delas com os adultos no processo de adaptação.

A partir dessas considerações, é possível considerar que o registro que fazemos a partir das reflexões, permite romper a inércia de um cotidiano cego, passivo ou compulsivo e, por isso, leva-nos a pensar. Desse modo, o registro da reflexão sobre a prática constitui-se como instrumento indispensável da construção desse sujeito desejante de que fala Freire (2014). Assim, o registro reflexivo levou-me a fundamentar e priorizar o meu foco de estudo, pois, “pensar é marca humana. Não cessamos de pensar, mas pensar é uma coisa; outra coisa, muito diferente , é refletir” (FREIRE, 2014).

O último instrumento sobre o qual vendo me debruçando é a avaliação, instrumento este que possibilita reavaliar todo o processo vivido, sistematizando o meu saber. Para FREIRE (2014), avaliar é uma forma de reformular o passado e o presente, para construir o futuro;é a arma que permite fazer a reconstrução daquilo que se observa e refleti alinhando o pensamento. Avaliação é um processo de dar sentido a toda aprendizagem. Adaptar, conhecer, observar e registrar: os caminhos da construção das observações e as reflexões.

Desse modo, articulando os instrumentos metodológicos aos estudos teóricos e à definição do tema a ser investigado e analisado, debruicei-me na construção da monografia. Assim, iniciei as observações de campo, que foram realizadas entre os meses agosto, setembro e outubro deste ano. A princípio, as observações foram centradas no processo de adaptação de duas crianças: Rodrigo, de um ano e seis meses e Eduarda, de dois anos e nove meses.

O objetivo inicial era manter as observações apenas no processo do Rodrigo, no entanto, ele não freqüentou a creche com assiduidade necessária que me favorecesse certa continuidade nas observações. Para que as observações pudessem ser construídas, optei por colocar o foco de observação na Eduarda, já que ela freqüentava a creche com mais assiduidade e, assim, tornou-se possível construir um material de observação mais linear sobre o qual foi possível levantar hipóteses e fazer algumas reflexões. “Assim como um pedreiro necessita de ferramenta para levantar uma casa, o educador necessita de instrumentos metodológicos para construção permanente da disciplina intelectual, para o estudo permanente que alicerça sua autoria e autonomia (FREIRE, 2014).

Usei os instrumentos metodológicos como alicerce e base para produção de todo texto monográfico, para que pudesse, ao final, obter um material estruturado e fundamentado, que favoreceram a mim mesma e, desejo que aos possíveis leitores desse trabalho, a aprendizagens e compreensões sobre o delicado e importante processo de adaptação.

## 1.1 ADAPTAÇÃO NA CRECHE

### 1.1 Adaptação: que movimento é esse?

O processo de adaptação pode ser considerado como um ajuste gradual a novos ambientes, rotinas, hábitos, etc. , ou seja, um processo de transformação, um movimento contínuo na vida do ser humano, que se relaciona e é refletido em seu próprio desenvolvimento.

O processo de adaptação não se encerra quando o sujeito assimila um fato, um ambiente, uma situação, ela permanece em contínua transformação. Adaptar-se, desse modo, pode ser considerado como movimento de interação com algo ou alguém, estar em movimento de transição. Para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas Da Educação Básica (2009)

A adaptação deve ser encarada não apenas como um período no qual a criança deve se adaptar às novas rotinas, mas como um momento de conhecimento e reconhecimento de sujeitos sócio-histórico-culturais que se encontram num espaço institucional (p. 31).

A adaptação de que trata o documento não é uma ação imposta às crianças enquanto objeto da ação pedagógica, mas, processo necessário a todos os sujeitos envolvidos na prática educativa. Ela é um processo de transformação na vida das crianças. A realidade e o cotidiano atribulado que vivemos nos dias de hoje, fazem com que as crianças, ainda muito pequenas, enfrentem cada vez mais cedo o movimento de adaptar-se à novas situações, pessoas, espaços e ambientes. Durante esse tempo de adaptar-se, é necessário que família, instituição, educadores e demais profissionais, entendam os desafios envolvidos nesse processo, para que possam construir as melhores relações possíveis que ajudem as crianças a lidarem com esse novo mundo, ao qual ainda não pertencem, que é o ambiente da creche. A partir dessa compreensão, abre-se a possibilidade de se começar a construção da afetividade e da parceria entre a creche e a família, ações que permitirão que o educador conheça a criança que está chegando à creche. Para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas Básica (2009):

A acolhida à criança e às famílias deve se pautar na escuta sensível a esses sujeitos com objetivo de informar as instituições quanto possíveis necessidades de reorganização de tempos, espaços e relações, no intuito de melhor atender às expectativas e necessidades dos sujeitos que ocorrem instituição (p. 31).

Sendo assim, é dever da instituição, inserir em seu planejamento a escuta das famílias e das crianças.

## **1. 2 As crianças: quem são?**

Para falar de adaptação, é preciso esclarecer o que entendemos por criança, já que, é com ela que, após esse período – que se estabiliza, mas sofre oscilações também – com quem vamos trabalhar cotidianamente na creche.

Sendo assim, em diálogo com os autores estudados, compreendo a criança como sujeito.

### **Criança:**

Criança, sujeito histórico, que a partir das relações, interações, socialização, trocas, vínculos, desejos e práticas cotidianas que vivenciam, constrói, sua identidade pessoal e coletiva, ser que brinca, imagina, fantasia, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade qual está inserida, produzindo cultura e habilidades, e cada uma desenvolve-se ao seu tempo. Nesse sentido, a criança, um sujeito que traz consigo sua subjetividade e singularidade e que, por isso, precisa ser visto como ser humano em sua incompletude, onde, busca e encontro com o outro, compartilha desejos, anseios, interações, afinal: é o “outro que me impele a desejar” (FREIRE, 2008, p. 33).

## **1. 3 Adaptação e as relações entre as crianças, os responsáveis e a creche**

Tratar do ingresso na creche implica em assumir a complexidade e abertura de novos desafios no cotidiano da instituição. O ingresso em um ambiente coletivo, requer certas adequações para criança e sua família, pois, ambos estarão prontos a enfrentar estranhamentos, aflições, desconfortos, desconfianças e, terão de adaptar-se à iniciativa de acolher outras propostas, novos encontros.

Tudo que se espera é que a criança, gradualmente, se familiarize, integre-se ao novo ambiente e às novas relações. Mas, para tanto, é preciso que se considere a criança como um sujeito e, como tal, uma pessoa que traz consigo suas referências de fora da creche, possui singularidades, participa de outras formas de viver, que pertence a outro modo de organização de espaços, que participa de regras diferentes, enfim, que faz parte de um contexto social diferente da instituição, dos adultos e das outras crianças que dali fazem parte.

Durante esses processos é importante considerar e construir, relações de confiança que favoreçam que a criança se vincule a outro adulto que não sejam apenas os seus responsáveis. Também é importante considerar que, tanto as crianças, quanto os adultos, passam por processos de ajustes a outra situação e contexto, o que implica oscilações, avanços e retrocessos emocionais. Amorim, Rossetti-Ferreira (2004) afirmam que: “sugerem que, havendo ingresso na creche, ideal seria requer condições do tipo cuidado materno substitutivo.”(p. 11)

Malher (1993), afirma que “a necessidade que a criança tem da sua mãe é absoluta”, por isso, é de suma importância que, nessa fase de adaptação na creche, a criança possa ter a mãe ou um responsável como parceira nessa construção, trazendo-a todo momento para o convívio institucional. Independente da idade da criança, a separação pode passar a sensação de abandono ou de rejeição; o afastamento demora a ser internalizado na criança, fazendo com que ela seja totalmente dependente. Por isso, a importância da construção, processual, de confiança e de vínculo entre todos os que participam desse processo.

#### **1. 4 Adaptação: processo que envolve a organização do espaço**

A adaptação, também envolve um fator importante, que, compete às instituições e seus funcionários, a organizar da melhor forma possível o espaço físico da escola para atender às especificidades de cada turma e dos alunos individualmente. Entendo que esta organização seja feita considerando-se alguns aspectos::mediação e interação, assim como: os materiais precisam estar ao acesso dos alunos, que haja uma boa circulação entre os espaços para favorecer a construção da autonomia, a limpeza e manutenção dos materiais visando a saúde, segurança e integridade dos alunos. Importante proporcionar as crianças um encontro com os outros espaços da instituição para que possam percebendo que a creche não é um lugar qualquer, sim encontro com a vida, natureza.

Com ambiente que proporcione aprendizagem, cuidado, desenvolvimento, solidariedade e cumplicidade e oportunidades de experimentar diversos sentimentos, enfim, necessário com que as crianças explorem intensidade as mediações e interações.

## **1. 5 Adaptação como processo de desenvolvimento**

Para Amorim E Rossetti-Ferreira (2004), o ser humano está, a todo o momento, vivenciando processos de adaptar-se a algo ou a alguém; ao novo. Sendo assim, vivendo em constante transformação. Ela permanece em contínuo movimento de construção, a partir de novos eventos, a aquisição de novas habilidades e na construção de novas relações entre pessoas.

A criança também vive esse processo, porém, com mais intensidade e emoção, pois é um sujeito que ainda está no processo de construção do seu desenvolvimento, e pelo fato de estar no seu momento do egocentrismo é difícil pra ela viver com as regras que de certo modo a limitará e fará com que ela tenha que compartilhar, dividir, socializar e estar em contato com mundo diferenciado do seu, é uma situação muito complicada e complexa, e ela demora a desprender-se daquilo que lhe traz conforto e segurança.

Considerando essas questões, a adaptação apresenta-se como um desafio para o cotidiano e organização da creche, pois, esta, precisa tornar esse processo de desenvolvimento social e pessoal intenso, num movimento mais rico, dinâmico e de confiança, onde o educador possa construir novas formas de conviver e trazer a criança para construção de vínculo, de afetividade, de ampliação com outro, levando-o ao desejo. FREIRE (2008) afirma que: a realidade do sujeito é um produto das relações com os outros. Nesse sentido, todo indivíduo está povoado de outros grupos internos da sua história (p. 97).

Esse movimento não é algo vivido somente pela criança, ao contrário, é uma ação que engloba todos que estão partilhando desse processo de interação. Adaptar é proporcionar todos os envolvidos- crianças, familiares, educadores um novo começo.

Adaptação não é um processo que se encerra no início do ano, ao contrário é uma ação que está em constante movimento e em contínua transformação de descobertas. Não há saídas simples, receitas e formas prontas para encarar este momento.

Envolver-se com a adaptação é pensar numa relação acolhedora e franca com a família, afinal, essa pode ser a forma mais possível e positiva de acolher a todos – crianças, familiares e funcionários da instituição nessa caminhada.

## **2 Eduarda e sua inserção na creche no ano de 2014.**

Neste capítulo, apresento algumas reflexões a partir das relações entre as observações e o aporte teórico abordado na monografia.

A pesquisa teve como campo a creche São Sebastião, localizada no bairro da Tijuca, na comunidade da Chácara do Céu, na cidade do Rio de Janeiro. A creche é um lugar agradável, possui espaços externos e internos amplos e, as salas, pequenas. Nossa equipe é composta por onze funcionários, sendo: duas professoras, cinco educadoras, uma coordenadora, duas cozinheiras, uma auxiliar de serviços gerais.

A instituição tem três turmas: maternal II (25 crianças), maternal I (20 crianças) e o berçário II (15 crianças), totalizando 60 crianças ao todo. Eu atuo na turma de maternal I, trabalhando em horário integral, na função de educadora.

As observações foram realizadas de Agosto a outubro, diariamente, o que produziu um material extenso, que não poderá ser abordado amplamente na monografia, mas, que, ainda assim, permitiu que eu refletisse e conhecesse melhor o processo de adaptação das crianças.

## **2. 1 O começo de tudo: a adaptação vivida por adultos e crianças**

O início do trabalho com essa turma foi um grande desafio para mim, pois, trabalhar com crianças de 2 a 3 anos fez com que eu estivesse por inteiro, sempre á busca de aprendizados e construções que pudessem proporcionar maior interação com os alunos novos e antigos. E ao saber que estaria trabalhando com a turma que vinha do berçário no ano anterior, fui em busca de avaliações feitas pela educadora do ano passado para que pudesse ter informações sobre o processo das crianças com quem iria me relacionar durante o presente ano e ás conhecê-las melhor.

Foi durante esse processo que me vi diante do relatório de Eduarda, por meio da leitura, fui me reencontrando com ela e os movimentos vividos no ano anterior. A leitura de seus relatórios já me colocará diante de desafio, pois, seu conteúdo revelava o comportamento tímido de Eduarda, que, nesse sentido, se destacava das outras crianças, pois que pude ver que a menina ao de sua trajetória busca sempre o conforto nos outros (adultos).

Ao retornar a creche depois das férias de fim de ano e de Janeiro, Eduarda me surpreendeu com sua atitude, chegando todos os dias muito radiante e comunicativa, o oposto daquilo que eu esperava, durante o início do ano tudo era novidade: turma e educadora nova, ambiente diferente, aos poucos ia reconhecendo o espaço da creche.

Durante esse tempo do acolhimento, eu trabalhava integral para que pudesse ter um contato maior com os pais e poder estar recebendo cada criança, podendo assim organizar melhor minha rotina e estar mais próximo das crianças. Tive que usar muitas estratégias para poder receber a Eduarda e as outras crianças que cada dia chegam a creche de modo diferente, dias rindo e brincando, dias chorando. Fui a cada dia recriando e reinventando novas formas para estar ajudando essas crianças a ultrapassar esse momento delicado. E foi a partir daí que tive que salientar meu olhar como educadora organizadora, atentando-me a rotina para não se tornar espontaneísta e rotineira, tive que pensar no espaço organizado e promissor de descobertas e aprendizagens, proporcionando atividades quais eles pudessem demonstrar interesses e sentimentos. “organizador no sentido, porém, de quem observa, acolhe os dados, trabalha em cima deles, com total respeito aos educandos

que não podem ser puros objetos da ação do professor” (FREIRE, 2009, P. 21).

Porém ao voltarmos do recesso da Copa do Mundo, a menina começou a apresentar um comportamento diferenciado, demonstrando falta de interesse nas descapitalizatividades propostas, principalmente, as que envolviam interação, socialização e troca entre ela e as outras crianças, esse distanciamento não permitia com que ela pudesse aprender com grupo. Bem no início de agosto, durante uma atividade, propus à turma que sentássemos em roda para compartilharmos o que fizemos nos dias em que ficamos em casa. Eduarda se distanciou da roda, demonstrando não querer participar da atividade. Como a situação se repetiu durante todo o dia, comecei a refletir e a observar as suas ações e movimentos, de modo mais sistemático, a partir desse dia. Neste mesmo período, ela começou a rejeitar alimentação, e foi então que por algum instante que percebi uma mudança comportamental da criança, me trazendo um certo medo de que ela pudesse passar por um momento de retardamento, já que antes estava progredindo muito bem.

Tais reações eram bem particulares. Eduarda se destacava, apresentando forma diferente de enfrentar situações vividas pelas outras crianças do grupo. Para compreendê-los melhor, precisei buscar novos conhecimentos e, foi assim, que decidi fazer um estudo mais aprofundado sobre adaptação no decorrer do ano, tentando entender o que se passava com Eduarda. Esse mergulho motivou também que eu elegesse adaptação como tema para da minha monografia.

Amparada pelas leituras que fazia e pelos instrumentos metodológicos, passei a registrar minhas observações num caderno de campo; partilhei com as colegas de trabalho tais observações, fazendo com que elas fossem meu terceiro olhar e me auxiliassem na construção e fui em busca de estudos que me dessem referências e com os quais eu pudesse dialogar.

## **2.2 A Pesquisa de Campo: registro e reflexão das situações vividas por Eduarda nos meses de agosto, setembro e outubro de 2014**

Neste item estarão em destaque situações do registro de campo, sobre os quais busquei fazer perguntas e refletir em diálogo com as leituras teóricas sobre adaptação apresentadas no Capítulo I.

## **A visita inesperada**

Neste dia a turma era composta por onze crianças, após o café fomos para sala dar início a roda de conversa, assim que começamos a fazer a rotina, fomos interrompidos pela coordenadora, veio avisar que teríamos a visita da dentista do posto de saúde

E a partir daí surgiram perguntas das crianças: quem era a moça?, o que veio fazer?, o que trouxe. Em meio às indagações, pude ouvir o choro longe muito insistente, Eduarda estava sentada no canto a chorar, pedi licença a turma e fui até a ela para perguntar o que havia acontecido, durante a conversa que tinha com a menina a turma ficará a observar, o diálogo. Explicou que não queria ir ver a dentista, fiz a proposta que fosse no meu colo caso ela parasse de chorar, condição aceita, sendo assim a menina, eu e a turma saímos da sala e fomos ao refeitório para apresentação da dentista, durante toda atividade feita naquele instante a menina não saiu do colo, choramingando um pouco.

Ao retornarmos a sala Eduarda desceu do colo, e sentou sozinha, não querendo brincar com as outras crianças, separando brinquedo pra si, e foi assim durante a manhã inteira (Caderno de Registro, 25 de Agosto de 2014).

A mudança da rotina pode causar certa estranheza para as crianças, deste modo, os pequenos podem não aceitar alguma atividade proposta pela educadora, podendo assim mudar o seu comportamento, tentando habituar-se aquilo que será feito, acredito que viver esse momento de adequações na rotina para crianças torna-se um processo que gera um desconforto, pois a rotina é um movimento organizado que lhe dá uma certa segurança e certeza daquilo que se vá fazer e quando é estruturada traz ao sujeito uma instabilidade.

Para Wallon (apud Almeida e Mahoney, 2000, p. 15) a rotina precisa acontecer de forma estruturante por ter motivos propostos no projeto pedagógico, dar uma firmeza do cotidiano, envolvendo ação, limite e flexibilidade, e deste modo ela permite com que o educador baseie-se no previsível para lidar com inesperado.

## ***Hora do almoço***

Cheguei às sete pois queria falar com os pais de Fernanda pois dias anteriores depois da última aula ela não compareceu à creche, queria saber o que tinha acontecido, ao chegar com seu pai a menina já chegou no colo, brinquei com ela e desceu colocando a mochila no lugar determinado e não se juntou aos colegas que já tinham chegado, ficou segurando minha mão enquanto falava com seu pai, e o responsável relatou que ficou muito gripada, ele e mãe desistiram de ir - lá em casa.

Quando terminei de falar com o pai entrei pra sala e fui direto pra roda antes de ir pro café, conversamos sobre o dia anterior e como foi a

noite deles em casa, Maria manteve-se calada. Terminamos a conversar fomos tomar café a menina aceitou a alimentação, ao contrário dos outros dias.

Durante a manhã ficou bem, interagindo com os colegas, quando chamei a turma pro almoço ela logo se recolheu no canto dos brinquedos e disse que não queria almoçar, disse a ela que precisava comer pra ficar grande, e de nada adiantou ela não queria de jeito algum sair da sala, após tantas conversar fomos para o refeitório e dei os pratos a todos, ela começou a chorar deixando prato de lado, só parou quando sentei ao seu lado, mas mesmo assim alimentou-se muito pouco. (Caderno de Registro, 04 de setembro, 2014)

Nesta observação dois fatores me indagaram sobre o papel do adulto de referência no espaço acolhedor, acredito que Eduarda, durante suas refeições em casa tem um adulto que reserva um momento para estar, de modo exclusivo, ajudando-a em sua alimentação, e essa reflexão mexeu comigo, pois, a todo o momento me questionava, como vou reservar um tempo a uma única criança para nessa hora tão movimentada. Mediante às reflexões feitas e o mergulho na teoria, entendo que educador e aquele que percebe a criança em sua totalidade, tem o dever de entendê-lo como ser único com suas limitações, desejos e prazeres, o cuidar do professor vai muito além do simples cuidar e ensinar, atividade docente com crianças faz com o professor entre relação com educando.

assim para que a criança tenha um início de desenvolvimento emocional saudável, ela precisa ser e sentir-se olhada, escutada, respeitada, cuidada, acolhida e querida por adultos referência. (RONCARATI, 2012, p. 49).

O professor precisa exercitar seu olhar de observador.

A respeito do espaço me vi também questionando: será que diante de um espaço coletivo onde há ansiedade na hora da refeição, euforia total por parte das crianças, toda a movimentação das educadoras e cozinheiras, não causa uma certa estranheza ao seu espaço privado, onde a hora da refeição é só um ambiente dividido entre dois adultos, esse fator pode mexer e desequilibrar sua vontade de se alimentar, fazendo com que ela tenha um certo receio de compartilhar este momento com todos. Segundo o documento Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças (1997, p. 18), é dever das instituições de estudo oferecer um ambiente tranquilo e agradável para a hora das refeições. Nesse sentido, indago: qual tem sido o posicionamento dos educadores e professores das creches a este respeito?

## Atividade da mesa diversificada

Neste dia decidi focar meu olhar nas reações de Eduarda durante as atividades coletivas, nas trocas com os colegas, momento esse que percebo uma resistência. No decorrer da observação me fiz perguntas que pudesse me ajudar a direcionar o meu olhar: por que ela não gosta de fazer atividades com as crianças?, será que para ela não seria mais importante estar perto da figura de alguém que seja seu referencial?

A turma estava composta por doze alunos, e na roda apresentei mesa da diversidade propondo com que as crianças escolhe- sem uma mesa e se senta- separa brincar junto aos colegas, todos concordaram inclusive Eduarda. A princípio a menina sentou-se na mesa da massinha com alguns colegas, e comecei a observá-la pois queria saber qual seria a reação dela diante do momento de troca e integração com as outras crianças, e o resultado não foi o esperado a menina brincava sozinha numa mesa que estava composta por mais três amigos, porém ela se colocava atenta as ações dos outros, este movimento foi repetindo a cada mesa que passará. (Caderno de Registro, 01 de outubro 2014)

“os focos da observação estão centrados no próprio processo de aprendizagem, na dinâmica do grupo { . . . }” FREIRE (2008, p. 133)

É relevante perceber neste dia que a menina aguçava seu olhar observador, analisando as ações dos colegas minuciosamente percebendo como eles iam trocando e partilhando uns com outros, entendo que de alguma forma tudo que ela observar lhe proporcionava uma aprendizagem significativa, e o desejo de poder partilhar esses encontros, que aparentemente não estava latente nela.

## Progressão

Neste dia cheguei disposta a fazer mais uma tentativa pra ver se Eduarda interagia com a turma de forma diferente, pois queria avaliar qual seria comportamento dela. Passei pelo refeitório cumprimentei a turma e fui na sala preparado o planejamento, após organizar, fui pegar as crianças no refeitório.

Quando entramos na sala sentamos na roda que estava diferente pois coloquei a saia feita de pano florindo para alegrar o dia, e fui perguntando quem havia gostado da atividade do dia anterior das mesas de atividades diversificadas, todos inclusive Eduarda disseram que gostaram, porém o grupo que estava com Eduarda no início da atividade (na mesa de massinha), trouxe algo de interessante, Suzana, Paulo, Patrícia compartilharam a atitude da menina em não dividir os brinquedos e nem brincar com eles.

E ao término da observação e avaliação das crianças tanto individual como de forma coletiva, propus uma atividade de estarem desenhando juntos a janela do tempo, e todos quiseram, euforia foi tanta que rolou bagunça total, bate-bate entre eles durante a construção do desenho. Neste instante o inesperado aconteceu

Eduarda me perguntou se também podia participar da atividade, imediatamente respondi que sim, deixando-a escolher a cor do giz de cera permitindo fruição da imaginação das crianças, a menina partilhou da atividade, interagindo, e socializando com os colegas. A tarde propus outra atividade coletiva, onde pudessem estar desenhando em dupla e a menina assim o fez, neste dia a menina aproveitou todos os momentos de partilha com colegas (Caderno de Registro, 02 de outubro 2014).

Diante do progresso da menina pude perceber que este movimento de adaptar-se a algo ou alguém é um processo gradual, que se pressupõe a uma espaço/tempo e olhar observador do professor, fazendo com que a criança possa vivenciar suas emoções genuinamente, expressá-las, reconhecê-las ao ponto de perceber o impacto que causa em si e no outro, assim fortalecendo as relações interpessoais.

Freire diz: “um grupo se constrói no espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante: da timidez de um , do abafamento do outro; da serenidade de um, da explosão do outro;do pânico velado de um, da sensatez do outro; da seriedade desconfiada de um, da ousadia do risco do outro;da mudez de um, da tagarelice de outro;do riso fechado de um, da gargalhada debochada do outro;de olhos miúdos de um, dos olhos esbugalhados do outro;de lividez do rosto de um, do encarnado do rosto do outro.

Um grupo se constrói enfrentando o medo que o diferente, o novo, provoca, educando o risco de ousar e o medo causar rupturas” (FREIRE, 2008, P. 104)

O ser humano que vive em grupo estar disposto a cada dia conviver com estranhamento, tendo a oportunidade de enfrentar seu medos e se constituir um ser de história, que aprende e ensina, vivendo em vida de grupo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda observação minuciosa que pude fazer neste período do cotidiano de Eduarda na creche, auxiliada pelo mergulho nas teorias pesquisadas, entendo que todo o movimento que a menina fez para adaptar-se a algo ou alguém, é orientado por uma questão de afetividade, construção de vínculo que, em algum momento não foi bem estruturado.

Sendo assim, a interação e a troca com o outro, fica comprometida, e pela dificuldade de socialização, se torna solitária, fazendo com que a educadora tenha um olhar cuidadoso, levando a menina a superar esse momento.

O documento Pensando a educação infantil (1999, n. 43), a partir do estudo de autores italianos, que aborda o pensamento de Gallardini, aponta que “a intervenção dos adultos assume uma função de mediação entre a criança e a realidade e deve, portanto, ser gerida-através da proposta de estímulos interessantes { . . . }” (GALLARDINI, 1996 p. 91). Nesta perspectiva, professores e educadores devem estar atentos para que possam possibilitar momentos que favoreçam a construção de vínculo positivo das crianças: na exploração do mundo e no processo de construção social.

Segundo a concepção que venho estudando no ISEPS, é de suma importância o contato e a troca com o outro, pois, este sujeito com quem interajo, me leva a pensar, a ser, a agir e a conviver na vida em comunidade, acredito que este é o movimento que venho trazendo para a rotina em sala de aula, permitindo com que a própria Eduarda perceba, sinta, vivencie e seja provocada a ter o desejo de estar em contato com este outro que me ajuda e estimula no desenvolvimento infantil. Para FREIRE (2008, p. 25) somos seres incompletos sempre a busca de algo que nos falte e nos preencha, entendo que dependemos e aprendemos com o outro. “dependemos sempre do outro que nos completa, nos amplia, nos esclarece, nos limita, nos retrata no que somos, no que nos falta, porque somos incompletude e unicidade” (2008, p. 25).

Desde modo os movimentos de Eduarda, ao isolar-se, procurando cantos onde possa ficar só, me faz acreditar que a adaptação é um dos momentos mais cruciais para a rotina da creche, pois somente com o tempo,

analisamos os movimentos vividos por elas, como ato de transformação e descoberta.

Atualmente, Eduarda, após muito investimento feito por mim, como mediadora de oportunidades de construção, vem aos poucos estabelecendo uma relação de afetividade e aproximação com outro, sem medo e falta de confiança com outro. Freire (2008, p. 97) afirma que “a identidade do sujeito é produto das relações com os outros, neste sentido, todo indivíduo está povoado de outros grupos internos da sua história. ”

Portanto, mais do que adaptar-se ao novo e ao outro, modulando-se às suas expectativas, a adaptação pode favorecer que as crianças e os adultos – pais e educadores – integrem novos modos de relação, transformando-se neste processo.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, K. S et. **Processo de adaptação de bebês à creche**. In: ROSSETTI, M. C; AMORM, k. s. ; SILVA, A. P. S; CARVALHO, A. M. A. (orgs). **Rede designificações: uma nova perspectivas teórico-metodológica**. Porto Alegre, 2004.
- AMORIM, k. s. ; VITÓRIA, T. ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **A Rede de significações como perspectiva para análise do processo de inserção de bebês na creche**. Cadernos de pesquisa, n. 109, p. 115-144, 2000.
- BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e base da educação nacional**. Publicada no D. O. em 23/12/1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB, revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** n 20/2010.
- FREIRE. Madalena. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e terra, 2008.
- \_\_\_\_\_. Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014. Disponível em : [http: goo. glNNLKh2](http://goo.gl/NNLKh2). Acesso em.
- GALLARDINI, Anna Lia. **Avaliação da qualidade no entendimento á infância –texto apresentado no IV Simpósio Latino Americano de atenção á criança de 0 a 6 anos/ II Simpósio Nacional de Educação Infantil**. Brasília 1996.
- GUIMARÃES, Daniela; LEITE, Maria Isabel. **Pensando a educação(Infantil) a partir de autores italianos: uma resenha crítica da bibliografia traduzida para o português**. Educação n. 43, maio, 1999.
- MALHER, s. Margareth. **O nascimento psicológico da criança:simbiose e individuação**, Porto Alegre, 1993.
- RONCARATI; M. **Perspectivas de uma educação dialógica na creche:a coautoria da criança na construção da prática educativa**. 2012. Dissertação(Mestrado em educação) - UNIRIO, Rio de Janeiro.
- ROSSETTI. FERREIRA, M. C;VITÓRIA, T. ;VASCONCELHOS, C. R. F. **Adaptações na Educação Infantil**, 10', 2002.
- VITÓRIA, T. ; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Os processos de adaptação na creche**. Cadernos de pesquisa, n. 86, p. 55-64, 1993.